

OS   
AVENTUREIROS

# OS PIRATAS DA FALÉSIA

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA  
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: EDUARDO OLIVEIRA



ESTE LIVRO PERTENCE A:

## OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 4º, 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: [www.isabelricardo.pt](http://www.isabelricardo.pt) e visita a página de Facebook:

[www.facebook.com/SerieOsAventureiros](https://www.facebook.com/SerieOsAventureiros)

E-mail para leitores: [aventureiros@isabelricardo.pt](mailto:aventureiros@isabelricardo.pt)

E-mail para professores: [encontroscomaautora@isabelricardo.pt](mailto:encontroscomaautora@isabelricardo.pt)





**O**lá, malta!

Cá estou eu novamente com outra aventura dos nossos amigos Bia, Daniel, Tó Jú, Cris e, claro, o corvo *João*.

Desta vez OS AVENTUREIROS viajam até ao Algarve, a Vila do Bispo, para participarem no *Festival de Observação de Aves & Atividades de Natureza*.

Como certamente já suspeitarão, irão deparar-se com uma nova aventura misteriosa e emocionante que vai acabar por lhes cair no colo.

Quando decidi que este novo volume se iria passar no encantador concelho de Vila do Bispo, tive de conhecer tudo. Adorei todos os locais que visitei, mas o Forte do Belixe e a Grota foram, sem dúvida, os meus preferidos e logo imaginei os nossos AVENTUREIROS a andarem por lá e a viverem uma entusiasmante aventura, como vocês tanto gostam, com muito mistério, ação, perigo, *suspense* e grandes gargalhadas. Se eu tivesse possibilidade, ficaria a viver na Casa da Grota ou no Forte do Belixe e a criar novas histórias para vos entusiasmar.

Vila do Bispo possui um património natural paisagístico impressionante e que eu adorei conhecer. Suspeito que vocês também irão sentir o mesmo.

Tive a companhia constante de pessoas espetaculares que trabalham na Câmara Municipal de Vila do Bispo e que durante cinco dias me levaram a todo o lado, com entusiasmo e boa disposição: a querida Tânia Lucas, sempre bem-humorada, e o Artur de Jesus, que me “bombardeou” com imensa informação preciosa sobre os locais que visitei e demonstrou a maior paciência por todas as fotos que lhe pedi para tirar,

pregando-lhe valentes sustos sempre que me encavalitava em lugares perigosos, e ainda à Mafalda Sambado. Fiz uma segunda visita de quatro dias a Vila do Bispo por ocasião do 11.º *Festival de Observação de Aves & Atividades de Natureza* de Sagres. O Ricardo Soares e a Susana Mateus acompanharam-me nessa segunda visita e preciso de lhes agradecer a simpática companhia em todas as atividades. Obrigada a todos pela hospitalidade, apoio e carinho demonstrados. Espero que consiga retribuir com este livro.

Foi um privilégio ter participado em tão interessante evento. Se com este livro vos entusiasmar pela observação das aves, podem consultar o *site* [avesdeportugal@info.pt](mailto:avesdeportugal@info.pt).

Se tentarem pesquisar a passagem na Grota, é claro que não a encontrarão, saiu somente da minha imaginação, mas, quem sabe, exista e ainda permaneça escondida... O mesmo sucede com o farol do Cabo de São Vicente.

Quanto a vós, malta, espero que se divirtam a valer com este novo livro. Eu diverti-me!

Um abraço grande da vossa amiga

A handwritten signature in cursive script that reads "Isabel Ricardo". The signature is written in black ink and is positioned in the lower right area of the page.

Um agradecimento muito especial a todos os professores que, durante o período de confinamento, fizeram um trabalho extraordinário com os seus alunos e continuaram a motivá-los para a leitura e para a descoberta de novos livros e autores. Numa situação tão complicada como a que todos vivemos, o livro tornou-se não só um amigo, mas igualmente um escape para lugares e histórias que nos fazem sonhar.

Às Bibliotecas Municipais de Arruda dos Vinhos e de Ovar, a minha amizade.

Ao pessoal do *Festival de Observação de Aves & Atividades de Natureza*, monitores e participantes, a minha amizade. Obrigada por todas as informações e por me despertarem o gosto pela observação dessas criaturas maravilhosas.





## CAPÍTULO I

### *Um convite surpreendente!*

— **D**aniel! DANIEELLL! Chega aqui depressa! Daniel, que acabara de dar uma valente dentada numa banana, arrancando-lhe mais de metade, quase se engasgou ao ouvir a voz do irmão, notando-lhe um tom de entusiasmo que o excitou de imediato.

Trotou até ao andar de cima, em alta velocidade, tentando mastigar à pressa e quase investindo de cabeça no corrimão.

Tó Jú estava à entrada do quarto, com o telemóvel na mão e um sorriso radiante a iluminar-lhe o rosto moreno e simpático. Piscou-lhe o olho.

— Que foi? — perguntou o irmão, arquejante e dando umas palmadas no peito, pois parecia-lhe que a banana não chegara em boas condições ao estômago e ficara a meio caminho. Engolira-a tão depressa que se sentia embuchado.

— A Binha fez-nos um convite especial, a nós, à Bia e ao Cris!

Binha era a tia, irmã da mãe dos dois rapazes, além de ser também madrinha de Daniel.

— Sim? Estivemos há bem pouco tempo com ela. Mas a madrinha não tinha ido para um sítio qualquer escrever? — perguntou ele, com os olhos a brilhar.

— Sim. Está a fazer um retiro numa residência artística em Vila do Bispo. Precisava de cumprir um prazo e de estar sozinha para conseguir acabar o livro. Com o André e a Inês a fazerem barulho, seria impossível... — comentou Tó Jú com um sorriso ao lembrar-se dos priminhos mais novos,



sempre alegres e irrequietos. — Ela diz que está numa fortaleza sobre o mar e que aquilo é fantástico!

Os olhos de Daniel arregalaram-se de entusiasmo.

— E...?

— E convidou-nos para irmos lá passar o fim de semana prolongado por causa do feriado do 5 de Outubro. Parece que vai haver um festival de observação das aves que é *bué* famoso e interessante. Vem gente de todo o país e de todas as partes do mundo para participar. Ela achou que iríamos gostar!

Daniel ficou com um sorriso que lhe ia de orelha a orelha.

— Não acredito!

— É verdade. Vamos chegar tarde, por isso ficaremos alojados no hotel da vila e de manhã a Binha vai buscar-nos para nos mostrar os locais.

— E a mãe deixa? — perguntou Daniel, a medo. — Depois da última aventura que tivemos...? É que não foi assim há tanto tempo...

A distraída Cristina já dissera muitas vezes que não deixaria mais que os filhos se juntassem aos primos de Lisboa, pois, sempre que o faziam, as aventuras aconteciam.

O irmão fez uma careta.

— Que nos poderia acontecer em Vila do Bispo, a observarmos as aves e a fazer caminhadas pela Natureza? O pior que nos poderá acontecer de estranho é levarmos talvez com uns presentinhos especiais das gaivotas na cabeça! — gracejou Tó Jú, com um sorriso trocista.

— E quando iríamos para lá? — inquiriu Daniel, curioso.

— Na sexta-feira, logo que chegássemos da escola. Felizmente, só temos aulas de manhã. Iríamos de expresso para Lisboa e depois de comboio para Lagos — há um às cinco horas. Devemos chegar lá por volta das nove da noite.

Os olhos de Daniel brilharam de emoção. Fazer uma

viagem tão longa de comboio e chegar de noite parecia-lhe uma aventura deveras emocionante.

— A Binha pediu-nos para levarmos os sacos-cama porque se ficarmos com ela no forte, não há camas para todos, mas podemos dormir juntos no chão de uma sala e será ainda mais entusiasmante. Se o tempo estiver bom, podemos dormir até ao relento, com as estrelas como teto!

Daniel esfregou as mãos de satisfação.

— E a Bia e o Cris já sabem?

— A Binha disse que lhes iria ligar, mas a esta hora já deverão saber também!

No entanto, os planos ainda foram alterados para melhor, por sugestão da madrinha e do tio Miguel, antecipando a viagem um dia, visto que as aulas de quinta-feira eram só de manhã e como eram de Ciências, Educação Física e Geografia, os professores tinham concordado que faltassem às aulas, desde que fizessem um relatório completo do festival para depois lerem na aula aos colegas. Faltariam também às aulas de Português, História e EVT de sexta-feira, para não perderem o primeiro dia do festival que começava precisamente nesse dia, o mesmo acontecendo com os primos. Os quatro jovens mal podiam acreditar na sua sorte, mas os professores haviam percebido bem que aquela era uma oportunidade de ouro que eles não deviam desperdiçar. O tio Miguel prometera levar Tó Jú e Daniel a Lisboa, onde se encontrariam com Bia e Cris, na estação de comboios de Santa Apolónia a tempo de apanharem um comboio para Lagos mais cedo do que o anterior. Assim poderiam aproveitar a tarde para usufruir dos encantos do concelho de Vila do Bispo.

— Temos de descobrir porque é que se chama Vila do Bispo — declarou Daniel, satisfeito.

— A Binha disse que temos de levar corta-ventos,

casacos e calçado confortável, porque lá está sempre vento e devemos ir preparados para tudo!

Daniel olhou-o incrédulo, porque o tempo continuava muito quente, mas a um olhar reprovador da mãe que surgira naquele momento à entrada do quarto, com um pano nas mãos, respondeu, com um sorriso prazenteiro:

— Pois é, D. Cristina, vai ficar uns diazinhos sem ter de aturar os seus filhotes! Vai poder descansar.

— Espero bem que se portem com juízo! Nada de se meterem em novas aventuras. Já tenho cabelos brancos só de me lembrar!

Tó Jú deu um abraço apertado à mãe.

— Que queres que nos aconteça rodeados de pássaros, mãe? Vai ser um festival bem animado e vamos andar tão ocupados que será impossível metermo-nos em apuros!

A mãe deitou-lhe um olhar duvidoso. Não confiava muito. Aqueles quatro miúdos e o travesso corvo que pertencia à sobrinha e que imitava tudo e todos com a maior perfeição tinham uma habilidade especial para descobrirem mistérios e se enfiarem nas maiores confusões, mesmo acompanhados por adultos. Não havia nada a fazer!

— Ela também falou num *Festival do Percebe*, mas acho que já terminou — informou Tó Jú, sorrindo.

— Oh, que pena! Adoro percebes!

— Durante as atividades, iremos andar não só por Vila do Bispo, mas por Sagres e pelo Cabo de São Vicente. Mãe, podemos ir à biblioteca pesquisar sobre Vila do Bispo? Pelo que a Binha disse, há até um programa da Câmara que permite “viajar” por lá através de *links*.

— Desde que tenham feito todos os trabalhos...

Os dois rapazes entreolharam-se com os olhos a brilhar. Pouco tempo depois e visto não terem mais aulas, trotaram até ao centro da vila. Minutos mais tarde já

consultavam o *site* da Câmara num dos computadores da Biblioteca da Nazaré, entusiasmando-se com a perspectiva daqueles dias num lugar tão encantador e, ao mesmo tempo, misterioso.



— Que sítio espetacular! — exclamou Tó Jú, fixando uma das milhentas fotos do Cabo de São Vicente no monitor do computador.

— *Bué!* — concordou logo Daniel, entusiasmado. — Dá imediatamente um certo ar de mistério, não achas? Parece que tudo lá pode acontecer...

Tó Jú sorriu e piscou o olho ao irmão.

— Também acho, porém, é melhor não falares nisso em frente à mãe, está bem? Senão, arriscamo-nos a perder este passeio fantástico.

— ‘Tás a brincar? Claro que não! Mas mal posso esperar por quinta-feira!

De facto, o tempo pareceu demorar imenso a passar desde que sabiam daquele passeio extraordinário. Só queriam que quinta-feira chegasse a correr. Nessa noite, despediram-se com um alegre “até amanhã”, animados, adormecendo só muito tarde.

Do alto do seu beliche, Daniel fixava o teto, excitado e com os olhos a brilhar. Tinha perdido por completo o sono.

*Cheira-me que vamos ter outra aventura daquelas!... Ó lá se cheira!...*

Concordo contigo, Daniel! Acho que vos aguarda uma aventura bem emocionante... Das daquelas bem suculentas de que tanto gostas...



## CAPÍTULO II

*Vila do Bispo, aí vamos nós!*

— **C**ris, achas que eles ainda demoram muito? — perguntou Bia, levantando-se do banco de madeira e fixando com ansiedade a entrada principal da Estação de Santa Apolónia.

Havia o bulício habitual com partidas e chegadas de comboios, pessoas andando apressadas, arrastando tróleys ou carregadas com malas e sacos.

O corvo *João*, empoleirado no ombro da rapariga, cumprimentava todos os que passavam perto com um «Oo-láá!», muito educado, levantando a cabeça com o «Oo» e baixando-a com o «láá», como se lhes fizesse uma vénia, deixando-os de boca aberta e olhos arregalados de assombro. Só que, às vezes, estragava a boa impressão inicial, como aconteceu quando espirrou violentamente e provocou sobresaltos numa velhota que deixou cair um saco no chão, ou então chamando patife a um homem de boné que o olhou melindrado, resmungando a palavra “*malcriado*”. Estivera algum tempo a assustar os pombos que voavam pela estação adentro, deixando-os completamente assarapantados com as suas imitações e afugentando-os.

Ana Maria, mãe dos dois jovens, abanava a cabeça, desaprovadora, afastando os olhos da revista, mas, excitado como o corvo estava com todo aquele bulício, não havia nada a fazer para o controlar. Felizmente, a ideia geral de todos com quem se cruzavam era de simpatia, após o primeiro momento de surpresa, passando depois para admiração sincera.

— Devem estar a chegar. O pai talvez demore a arrumar

o carro. Ainda bem que já temos os bilhetes e sabemos qual a linha do nosso comboio. Bia, vê mas é se controlas esse maluco! Tem estado a miar descaradamente àquela senhora sentada no outro banco e que transporta um cão dentro de uma mala. Estou já a ficar surdo com os ladridos dele — reclamou Cris.

«Ay, *madre mia!* Maroto!»

Bia riu-se, ainda mais ao ver um miúdo que ia pela mão da mãe e que estava a fazer birra, recusando-se a avançar, teimando que também queria um corvo falador como aquele.

Passados uns minutos, foi *João* que soltou um guincho impressionante, sobressaltando toda a gente. Levantou voo do ombro de Bia e voou até à entrada principal.

Miguel, Tó Jú e Daniel tinham acabado de chegar e os rapazes vinham com mochilas às costas e os sacos-cama bem enrolados, olhando atentos para todos os lados.

Bia acenou-lhes, excitada, quase arrancando um olho a uma senhora exageradamente maquilhada que ia a passar e que, por sorte, se desviou na hora H. Deixou a mochila abandonada ao lado do banco e correu para eles.

Cris levantou-se, entusiasmado. Por momentos, veio-lhe à lembrança o quanto iam contrariados, há dois verões, quando os pais os tinham enviado para a Nazaré para ficarem em casa da tia Cristina e haviam conhecido uns primos com quem logo antipatizaram, originando grandes discussões, até que uma aventura<sup>1</sup> perigosa e emocionante acabara por os unir, tornando-os, a partir dessa data, amigos inseparáveis.

Daniel correu para a prima, com a mochila a saltar de um lado para o outro, comicamente, e abraçaram-se como se já não se vissem há anos. Tó Jú fez uma expressão trocista, sentindo o mesmo impulso, mas controlando-se. Deu uma

---

<sup>1</sup> N.º 1 da coleção: *Os Aventureiros na Gruta do Tesouro*. (Nota da Autora)

palmada amigável nas costas do primo, que se encolheu, pois o rapaz, por vezes, parecia esquecer-se de que tinha muita força.

— Fizeram boa viagem?

— O tio veio a abrir todo o caminho!

Ana Maria franziu o sobrolho ao marido, que lhe piscou o olho, alegremente.

— Exagero desse maluco, Ana Maria. Vim sempre a cumprir os limites de velocidade, muito ajuizadinho!

— Pois, pois. O comboio já lá está e podem começar a acomodar-se. Não se esqueceram de nada?

— Acho que não, tia. Trouxemos uma muda de roupa extra, meias, roupa interior, um blusão e um corta-vento. Ah! E o saco-cama!

— O resto é comida. Viemos carregados com um farnel que dava para uma dúzia de pessoas! — anunciou Daniel, esfregando as mãos de satisfação. — Até um bolo inteiro trouxemos! Pelo menos, fome não passamos.

— Fala por ti, meu rapaz! Não dará para muito tempo, acredita — respondeu Tó Jú, preparando-se para lhe dar uma palmada nas costas a que o irmão, astuciosamente, escapou.

Os poucos minutos que faltavam para a partida passaram a voar com os primos a falar ao mesmo tempo, para divertimento dos adultos, sempre com o corvo tentando *meter a colher*, mas sem o conseguir, acabando por voar para o ombro de Miguel, parecendo sinceramente ofendido com o pouco caso dos quatro jovens pelo seu contributo de disparates à conversa.

— Acho que tens razão para estar tão escandalizado, meu amigo. Aqueles quatro parecem autênticas gralhas.

«Ó meu, tu 'tás cada vez pior! Maroto!», fez João, arrancando-lhe uma gargalhada.

— Já estivemos a pesquisar na biblioteca sobre Vila do



Bispo e arredores — informou Tó Jú. — Aquilo deve ser muito fixe!

— Nós também. O pai instalou uma aplicação no telemóvel disponibilizada pela Câmara, que permite explorar o território, por isso se chama *BispoGo*, o *Museu da Paisagem*. Ontem aproveitámos para andar a descobrir coisas. Adivinhem qual é a mascote dessa aplicação! — desafiou Bia, sorrindo. Ao ver o encolher de ombros dos primos, acrescentou: — Uma gralha-de-bico-vermelho chamada *Windy*!

— O nome é giro!

— Que quer dizer? Tem a ver com vento, não é? — perguntou o mais novo, curioso.

— Sim, significa ventoso!

Daniel riu-se, entendendo então o porquê do nome. Recordou os conselhos da madrinha quanto ao vestuário, devido ao vento que geralmente fazia no lugar que iam visitar.

— É engraçado que seja uma gralha, não é? As gralhas não são da família dos corvos? É da tua família, meu rapaz!

«Disparates! Palerma! Não há explicação! Ai, mãeeee!...», palrou *João*, empoleirado no ombro de Bia, enquanto abanava a cabeça para um lado e para o outro de uma maneira muito cómica, arrancando-lhes um sorriso.

Despediram-se de Miguel e de Ana Maria e entraram, entusiasmados, no comboio. Depois de arrumarem nas prateleiras por cima das suas cabeças as pesadas mochilas, sentaram-se, satisfeitos, com sorrisos que lhes iam de orelha a orelha. Os seus lugares eram de frente uns para os outros e tinham uma mesa de permeio para onde *João* logo saltou, andando de um lado para o outro, abanando a cabeça ao som de uma música imaginária, fazendo-os sorrir e deixando os restantes passageiros absolutamente apardalados.



Pouco depois, o comboio apitava e o corvo imitava-o uma e outra vez, encantado, quase ensurdecendo todos quantos se encontravam naquela carruagem.

— Acho que te vais passar com toda aquela passarada

que vamos andar a observar, meu rapaz! Quem sabe até façam uns amiguinhos, não é? Ou uma namorada, talvez?

«Ó meu, tu 'tás cada vez pior! *Mamma mia!*»

Bia sorriu, extremamente feliz.

— Fixe, não é, estes diazinhos de férias inesperados?

— *Bué!* — concordou logo Daniel.

Tó Jú deu um profundo bocejo, prontamente imitado e na perfeição pelo travesso corvo, contagiando os outros, que desataram a bocejar também.

— Informo-os já de que vou fazer uma sestina, porque levantámo-nos muito cedo para apanhar este comboio. Além disso, com a excitação da viagem, nem consegui pregar olho.

Os outros três concordaram, pois tinham sentido o mesmo.

— Podem dormir à vontade que eu ficarei desperta. Temos de mudar de comboio em Tunes, senão arriscamo-nos a seguir viagem para Faro, em vez de Lagos! — comentou Bia, retirando da mochila um livro de aventuras, enquanto os rapazes se punham confortáveis e fechavam os olhos.

Tó Jú abriu um olho e fitou a prima.

— De certeza que não vais adormecer também, pois não?

— Fica descansado. Estarei atenta!

— E, por favor, vê se esse tonto fica calado um bocadinho para conseguirmos dormir.

Bia tirou do bolso dos calções umas sementes de girassol e estendeu-as ao corvo, que soltou um gritinho de satisfação, ficando por algum tempo a debicá-las em cima da mesa.

De vez em quando, a rapariga desviava os olhos do livro e fixava a paisagem, que se ia alterando conforme o comboio avançava. Olhou para o irmão e para o primo mais velho em frente, que tinham adormecido rapidamente com a oscilação relaxante do comboio. Ao seu lado, Daniel também adormecera, com a cabeça encostada ao vidro da janela.



Os quatro jovens saltaram para a plataforma da estação de comboios de Lagos, com o corvo voando à frente, lançando uns guinchinhos que ouvira a uma miúda da escola de Bia, que sempre os soltava assim que o via.

A madrinha de Bia e Daniel esperava-os na plataforma, acompanhada de uma senhora jovem muito bonita, de cabelos louros compridos e sorriso simpático. Estavam ambas de vestidos, a primeira de amarelo e a outra envergando um florido.

— Olá, madrinha! — saudou Daniel, pespegando-lhe dois estrondosos beijos nas faces, provocando-lhe um sorriso.

— Olá, malta! Animados para participarem no festival?

— *Bué!*

— Brincas? Claro que sim, Binha! Estamos todos entusiasmados! — respondeu Tó Jú, com um sorriso.

— Esta é a minha amiga Tânia. Achei melhor vir acompanhada, não me fosse distrair e ir parar a outro lugar... — comentou a madrinha, com um risinho divertido. A distração parecia ser mal de família, pois a mãe dos dois rapazes também era conhecida pelas mais engraçadas distrações. A irmã mais nova parecia seguir-lhe as pisadas.

— Pois pensaste muito bem, Binha. Da maneira que és despistada e com o teu sentido de orientação, pela certa ias parar a Albufeira! — comentou Tó Jú, com uma risada.

— Nem mais! Estás a ver como me conheces bem?

— Ora viva! Fizeram boa viagem? — saudou Tânia, com um sorriso encantador, cativando-os imediatamente.

— Excelente! — respondeu Cris, com simpatia.

— A maioria do tempo a ressonarem que nem elefantes!... — comentou Bia, com ar trocista.

— Ai que ofensa, Bia! Quem te ouvir falar pensa que rressonámos tanto que afugentámos todos os passageiros da carruagem!

— Pois pouco faltou...

Tânia e Binha entreolharam-se, divertidas.

— Compreendo agora o que quiseste dizer com esta malta estar sempre alegre. É de pessoas assim que eu gosto!

— Pois parece que há quem ache que eles se riem de mais.

— Dá a pata, *João!* Mostra a tua nova habilidade, anda!

Este não se fez rogado e, para grande espanto de Tânia, estendeu-lhe a pata, recolhendo-a logo, no entanto, ao mesmo tempo que a brindava com o cumprimento que encantava toda a gente. «Oo-láá! Oo-láá!»

Tânia soltou uma gargalhada.

— Esperem só até o Artur e o Ricardo o conhecerem!

— O Artur é o historiador da Câmara que nos acompanhará hoje no nosso passeio por Vila do Bispo e por Sagres — informou a madrinha. — Se tivermos tempo, passaremos pelo Cabo de São Vicente. Gostavam de entrar no farol?

Eles fitaram-se, entusiasmados.

— Ainda perguntas, madrinha? Claro que sim!

Tânia sorriu-lhes, enquanto caminhava.

— O Ricardo é o arqueólogo da Câmara e vai andar con-vosco num dos dias das atividades por causa da boleia. Há até uma atividade à noite que é a observação dos morcegos.

Os primos entreolharam-se, empolgados.

— Oh! Sério?

— Fixe!

— Morcegos? Nós gostamos muito desses bichinhos!

— Baril! Que pinta!

— Esta malta no início do verão viveu uma aventura de arrepiar os cabelos que metia morcegos<sup>2</sup>, Tânia, daí o

---

<sup>2</sup> N.º 10 da coleção: *Os Aventureiros e o Mistério da Arrábida*. (N. da A.)

entusiasmo! Mas agora suspeito que já devem ter fome, não é? — perguntou a madrinha, com um piscar de olho.

— Esganados, madrinha, completamente. O Tó Jú esteve quase a dar uma dentada no encosto do meu banco. Tivemos de o arrancar de lá à força — gracejou Daniel, com o ar mais sério do mundo.

Todos se riram ao ver o ar espantado de Tó Jú, que depois acabou por se rir também.

— De facto, estamos todos esfomeados.

— Hoje almoçaremos num restaurante em Vila do Bispo. Ainda quero ir à Câmara buscar uns folhetos com mapas para vocês se orientarem melhor por lá — informou Tânia, com um sorriso. — Aqui em Lagos há os melhores *croissants* do mundo, uns com doce de ovos que são de nos deixar logo com água na boca. São feitos numa *croissanteria* antiga com o nome 29.

— E não podemos levar alguns para provar? — perguntou Tó Jú, esfregando as mãos de antecipação perante a perspectiva de ferrar os dentes num daqueles deliciosos *croissants*.

As duas senhoras riram-se.

— Já cá temos uma dúzia deles, dois para cada um e os outros para nós, que também merecemos! — informou a madrinha, sorrindo. Ao ver o ar cobiçoso dos quatro, acrescentou: — Mas não é para comerem agora que eu não quero que estraguem o apetite, pois espera-vos um almoço de-li-ci-o-so.

— Ora que pena! E eu que já estava a afiar a dentuça. Enfim! Espero não ficar desapontado, com a fome com que eu estou...

— Não ficarás, Tó Jú, prometo. Vamos almoçar no restaurante *O Mexilhão* e escolhi o meu prato preferido que já deve estar a ser confeccionado. É um manjar dos deuses!

«Disparates! Maroto!»

— Depois do almoço vamos então passear um bocado. Preparem-se, pois vão ter um dia em cheio!